

**REBENA**  
**REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO E APRENDIZAGEM**  
**V.3 (2022)**

**BÍLINGUISMO: ANÁLISE SOBRE O GÊNERO TEXTUAL TIRINHA PARA ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA ALUNOS SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Bilingualism: analysis on the textual gender comic book for teaching the portuguese language written for deaf students in times of pandemics

Edivânia Floro Nicácio Almeida<sup>1</sup> Ilma Rodrigues de Souza Fausto<sup>2</sup>

Fabiana Rodrigues Leta<sup>3</sup> Ruth Maria Mariani Braz<sup>4</sup>

**RESUMO**

Sabe-se que o surdo se comunica pela língua brasileira de sinais, a proposta da educação bilíngue para surdos, fundamenta-se no respeito à cultura desse povo e coloca a Libras como a principal língua de instrução e ensino para esses sujeitos e a Língua Portuguesa escrita assume a posição de segunda língua nesse processo. Para que o surdo desenvolva sua aprendizagem significativamente é fundamental que as escolas conheçam suas singularidades linguísticas e ofereçam uma educação de qualidade para todos. Este trabalho aborda o bilinguismo dentro da análise do gênero textual tirinha, do universo das histórias em quadrinho, apresentando os elementos característicos dessa tipologia: narrador, personagens, tempo, espaço, e tem como objetivo principal o entretenimento, é comum trazer críticas sociais menos severas que as da charge, na modalidade remota de ensino. O trabalho é norteado metodologicamente de cunho bibliográfico, em caráter qualitativo. Através da análise dos exemplos desses gêneros, foi possível perceber que se trata de assuntos relevantes, a tirinha geralmente é um texto mais longo e tem aspecto lúdico, abordam assuntos cotidianos sem deixar de fazer sempre uma crítica, a charge costuma fazer uma crítica mais severa e, geralmente, está vinculada a outros textos que circulam na mídia sobre assuntos atuais.

**Palavras-chave:** Bilinguismo. Surdo. Língua Portuguesa escrita. Aprendizagem.

**ABSTRACT**

It is known that the deaf communicate through the Brazilian sign language, the proposal of bilingual education for the deaf is based on respect for the culture of this people and places Libras as the main language of instruction and teaching for these subjects and the Portuguese language writing assumes the position of second language in this process. For the deaf to develop their learning significantly, it is essential that schools know their linguistic singularities and offer quality education for all. This work addresses bilingualism within the analysis of the comic strip textual genre, the universe of comics, presenting the characteristic elements of this typology: narrator, characters, time, space, and its main objective is entertainment, it is common to bring less severe social criticism than those of the charge, in the remote mode of teaching. The work is methodologically guided of a bibliographic nature, in a qualitative character. Through the analysis of the examples of these genres, it was possible to perceive that these are relevant

<sup>1</sup> Especialização em Ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita como 2º língua para Surdos pelo Instituto Federal da Paraíba. . [vaniauepb@gmail.com](mailto:vaniauepb@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Educação Escolar - PPGEEPROF pela UNIR. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn). [ilma.rodrigues@ifro.edu.br](mailto:ilma.rodrigues@ifro.edu.br)

<sup>3</sup> Doutorado em Engenharia Mecânica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [fabianaleta@id.uff.br](mailto:fabianaleta@id.uff.br)

<sup>4</sup> Doutora em Ciências e Biotecnologia do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense. [ruthmarianibraz@gmail.com](mailto:ruthmarianibraz@gmail.com)

subjects, the comic strip is usually a longer text and has a playful aspect, they address everyday issues without always criticizing, the cartoon usually makes a more severe criticism and is usually linked to other texts that circulate in the media on current affairs.

**Keywords:** Bilingualism. Deaf. Written Portuguese language. Learning.

## 1. Introdução

Sabe-se que o surdo se comunica pela língua brasileira de sinais (LIBRAS) desse modo, a proposta da educação bilíngue para surdos, fundamenta-se no respeito à cultura desse povo e coloca a Libras como a principal língua de instrução e ensino para esses sujeitos e a Língua Portuguesa escrita assume a posição de segunda língua (L2) nesse processo.

Contudo, de acordo com o decreto 5.626/2005 a mesma deve ser ensinada como L2. Desta feita, para que esse aluno com surdez desenvolva sua aprendizagem significativamente é fundamental que as escolas conheçam as singularidades linguísticas desses educandos, ou seja, é importante conhecer a cultura surda para poder entender como eles aprendem e conseqüentemente atendê-los em suas necessidades educacionais especiais. Assim sendo, o objetivo geral do trabalho é discutir sobre bilinguismo: especificamente o gênero textual tirinha como recurso didático para o ensino de língua portuguesa na modalidade escrita para alunos surdos em processo de alfabetização e letramento.

Sabe-se que os debates acerca da inclusão de alunos surdos em sala de aula regular compartilhadas por estudantes ouvintes tem gerado questionamentos acalorados, pois a escola como construtora de saberes e intitulada como acessível deve oferecer uma educação de qualidade para todos. Nesse sentido, a escola participante deste processo precisa ter uma visão mais ampla sobre o ensino da L2 para os estudantes surdos, para poder proporcionar a estes sujeitos a condição de permanência e desenvolvimento educacional dentro do sistema de ensino.

Nesta perspectiva, a proposta de educação bilíngue para surdos fundamentada no respeito e na sua cultura, coloca a libras como a língua principal de instrução e ensino, isto é, a Língua de Sinais é reconhecida como língua materna/natural desse indivíduo e a Língua Portuguesa assume a posição de Língua Estrangeira, quer dizer, atua como segunda Língua (L2) para eles.

Neste caso, as principais críticas sobre esse assunto referem-se aos conteúdos privilegiados no planejamento das disciplinas e à forma como estes conteúdos são abordados em sala de aula para estes sujeitos.

Percebemos que a L2 vem sendo ensinada de acordo com o prisma conservador do ensino da Língua Portuguesa, segundo a qual o ambiente escolar torna-se apenas um espaço para mera transmissão de regras gramaticais, em detrimento das metodologias para o ensino da L2 que deveriam estar pautadas nas práticas inclusivas que coloquem em evidência os elementos da cultura surda como facilitador para aprendizagem desse indivíduo, em outras palavras é oportuno associar imagens e letras em Português a Libras, já que o aluno surdo aprende pela percepção visual.

É inegável que, o ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e da Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita como segunda língua (L2) para pessoa surda tem sido alvo de inúmeras pesquisas, como dito anteriormente, a fim de se identificar os desafios e possibilidades do uso dessa metodologia no ensino regular para esse grupo.

A metodologia para o ensino de Português, como segunda língua, para o surdo é algo desafiador, já que implica em vários fatores socioculturais, entre eles estão a interação em sala de aula que é indispensável entre as duas culturas, pois envolve tanto a acessibilidade comunicacional, quanto as metodologias para o ensino do Português escrito, vale ressaltar que materiais didáticos adequados também são essenciais para alcançar o objetivo de uma aprendizagem significativa, no entanto também não encontramos esse recurso nas instituições públicas de ensino.

## **2. Sobre o Ensino e Aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**

O ensino e a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras tem sido alvo de inúmeros debates e pesquisas a fim de identificar os limites e possibilidades de aprendizagem dessa língua, considerada a língua natural (L1) do povo surdo. Um dos principais assuntos acerca dessa temática é a assunção da Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) dessas comunidades, o que pressupõe reconhecer a relevância do interculturalismo, notadamente desvalorizado por parte da sociedade, o que implica em escassez de professores da LP dotados de conhecimento linguístico e cultural da língua de sinais.

Nessa perspectiva, a Lei Nº 10.436/2007 reconhece a Libras como a língua oficial da comunidade surda brasileira, representando, assim, um marco importante para a promoção da comunicação efetiva entre surdos e ouvintes, como também para a promoção da cultura surda e para a conquista de seus direitos.

Nos contextos reais da vida cotidiana, esses tipos diferentes de interação frequentemente estão entrelaçados de maneiras complexas e os indivíduos estão

constantemente se movendo entre eles, ou mesmo interagindo de várias maneiras simultaneamente.

Parafraseando o autor, sabe-se que uma sala de aula com alunos surdos e ouvintes que aprendem de maneiras distintas, faz-se necessário a aplicação de metodologias específicas para o ensino da L2, isso implica na cooperação de todos os envolvidos, professores e estudantes, uma vez que estamos falando de sujeitos de uma mesma nacionalidade, porém de culturas distintas. Dessa maneira entende-se que esses alunos necessitam de métodos opostos para aprender e se comunicar ainda que estejam dividindo o mesmo ambiente escolar.

Segundo Perlin e Strobel (2014, p.24)

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

No ambiente escolar não poderia ser diferente, compreende-se que seja necessário que a escola conheça esse modo de ser da pessoa surda para que ocorra essa interação cultural.

E como resultado disso terá o favorecimento da aprendizagem desse sujeito na L2, uma vez que, a escola denominada inclusiva deve criar condições para o acesso e permanência tanto dos discentes ouvintes quanto dos discentes surdos para que tenham as mesmas oportunidades educacionais e sejam tratados como os demais estudantes independentes do seu idioma.

Entretanto, há visivelmente um desencorajamento por parte da sociedade nesse sentido, que somado a isso gera um número insuficiente de professores de língua portuguesa com conhecimento linguístico e cultural para atuar nessa modalidade de ensino. Silva e Silva (2016, p.41) destacam que:

Os profissionais conhecem as demandas para a inclusão educacional dos surdos, no entanto, desenvolvem práticas pouco fundamentadas nas necessidades apresentadas pelo público, por isso enfrentam severas dificuldades para ensinar.

De fato, muitas vezes percebemos uma resistência por parte do corpo social majoritariamente ouvinte em aceitar a pessoa surda e suas especificidades, isso acaba contribuindo para a construção de um estereótipo desse indivíduo, rotulando-o como um sujeito incapacitado de adquirir conhecimento.

Possivelmente isso ocorre porque antigamente houve o encarceramento da cultura surda que perdurou por anos a fio, principalmente quando a Libras não era aceita pelos

ouvintes, colocando as pessoas surdas em condições de inferioridade por não utilizarem a língua oral para se comunicar.

Para Perlin e Strobel (2014, p. 26)

No contexto do povo surdo, os sujeitos não distinguem um de outro de acordo com sua surdez. O mais importante para eles é o pertencimento ao povo surdo por meio do uso da língua de sinais e da cultura surda, que os ajudam a definir as suas identidades. Portanto, ser surdo de nascença é muito respeitável na comunidade surda.

Desta maneira, faz-se necessário desmistificar a surdez como algo patológico, essa ideia padronizada que foi internalizada na sociedade precisa ser rompida, para que as propostas educacionais bilíngues e inclusivas sejam de fato executadas, tanto nas instituições de ensino públicas quanto privadas, para que esse sujeito como parte integrante da coletividade e atuante no ambiente escolar consiga receber uma educação condizente com as suas necessidades.

Nessa perspectiva, a escola tem um papel relevante no processo de ensino do português na modalidade escrita como L2 para surdos, em razão de que, ela é construtora de saberes, por isso, as instituições de ensino têm a oportunidade de fazer do seu espaço um lugar de possibilidades para que a aprendizagem desse sujeito na L2 seja concretizada.

Conforme Almeida & Lacerda (2019, p.2)

A despeito de intenções e estratégias de indivíduos ou grupos que buscam atender o aluno surdo em suas peculiaridades, favorecendo a aprendizagem, desinformações e conceitos inadequados ainda circulam em sala de aula, obstruindo a escolarização plena desses sujeitos.

Como citado acima, o que vemos são as lutas incessantes da comunidade surda para garantir esse direito de estudar em escolas bilíngues, deste modo, entendemos que o surdo tem o direito a aprender a Libras como língua natural, conviver em ambientes inclusivos, e consequentemente adquirir o português escrito como segunda língua.

De acordo com Silva (2020, p.3)

Considerando-se que os indivíduos surdos, por constituírem uma minoria linguística dentro de uma sociedade majoritariamente ouvinte, estão inseridos na cultura e na língua dos ouvintes, se faz necessário e importante que eles sejam competentes na modalidade escrita da língua oral dessa comunidade. É essa competência que fará com que as pessoas surdas possam se colocar dentro de discussões que possam trazer a clareza sobre a Língua de Sinais que as pessoas ouvintes precisam ter.

Perante o exposto colocado por Silva, faz-se necessário fazermos um breve resgate da história para entendemos como o Congresso de Milão em 1880, contribuiu com essa lógica binária, a qual resultou na criação de metodologias de ensino padronizadas, já que

naquela época os surdos eram proibidos de usar a língua de sinais nas ruas e principalmente na escola.

Naquela situação, restava aos surdos apenas a repetição e a cópia, não apenas da fala, mas especialmente da cultura ouvintista, uma vez que eles não podiam se expressar por meio da língua de sinais, vale salientar, que muitas crianças surdas são filhas de pais ouvintes e desta forma não tem contato frequente com sua língua materna, por isso o ensino bilíngue leva em consideração que durante os anos em que as crianças frequentam as instituições de ensino, elas estão em processo de apropriação de sua primeira língua que é a libras, assim seu maior contato escolar deve ser com professores bilíngues.

Destarte, precisamos sempre avaliar com bom senso e clareza as concepções filosóficas equivocadas que herdamos como doutrinas sociais, pois estas epistemologias dão origem e reproduzem saberes e valores que regulam condutas e modos de ser e agir, bem como constituem identidades e representações a partir das relações de poder estabelecidas nos meios sociais, educacionais, políticos e econômicos.

De acordo com Alves et. al (2015, p. 33)

Os surdos precisam aprender o Português na modalidade escrita, para uma melhor integração na comunidade ouvinte, mas como característica de segunda língua. Mas o que se tem visto nas escolas regulares em que os surdos estão inseridos é que as metodologias utilizadas são voltadas para atender às especificidades dos ouvintes. Ainda não se discute sobre a pedagogia surda, e o reflexo disto é a realidade de surdos que estudam Português da mesma forma que os ouvintes, sem que haja professores preparados para a condução de um trabalho que propicie a ampliação da competência linguística dos surdos.

Diante disso, muitos debates e propostas foram surgindo com o intuito de discutir sobre esta modalidade, logo percebemos a importância da aprovação da Lei nº 10.436/02 e ao Decreto nº 5.626/05, os quais tratam do reconhecimento legal da Libras e do ensino da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua; e a necessidade da organização do sistema de forma a contemplar a educação bilíngue no ensino regular.

Segundo, Brasil (2008, p. 11)

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue - Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola.

Para tanto, são imprescindíveis recursos didáticos que objetivem o desenvolvimento tanto linguístico quanto social da pessoa surda, e conseqüentemente a valorização da sua cultura dentro e fora da sala de aula, é notório as dificuldades enfrentadas pelos surdos para usufruírem seus direitos, isso acontece em virtude da falta de

comunicação entre pessoas surdas e não-surdas tornando-se uma barreira entre eles inclusive no que concerne ao ensino/aprendizagem da L2.

Porém, diante das mudanças efetivas nas políticas educacionais para alunos surdos, é imperativo que a Libras seja introduzida nas escolas em todos os níveis e modalidades de ensino, bem como, o ensino do português na modalidade escrita para que esse sujeito tenha oportunidade de aprender em condições de igualdade como assegura a lei. Nesse sentido, o Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020 certifica no capítulo IV das diretrizes inciso:

III - garantir, nas escolas ou classes bilíngues de surdos, a Libras como parte do currículo formal em todos os níveis e etapas de ensino e a organização do trabalho pedagógico para o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua;

Mesmo assim, a aplicabilidade do ensino de língua portuguesa na modalidade escrita como L2 deve ser capaz de corresponder às pluralidades dos alunos surdos em todas as suas formas, de maneira apropriada e com qualidade direcionando suas ações às especificidades do outro para poder suprir suas necessidades educacionais.

Segundo Almeida (2015, p.33)

O que se tem visto nas escolas regulares em que os surdos estão inseridos é que as metodologias utilizadas são voltadas para atender às especificidades dos ouvintes. Ainda não se discute sobre a pedagogia surda, e o reflexo disto é a realidade de surdos que estudam Português da mesma forma que os ouvintes, sem que haja professores preparados para a condução de um trabalho que propicie a ampliação da competência linguística dos surdos.

Como bem pontuou o autor, os profissionais de educação devem estar bem preparados em relação aos conhecimentos linguísticos que envolvem essa prática. Sabe-se que na sociedade ainda se perpetua a mentalidade clínico terapêutica em relação a educação de surdos, e, é constantemente fortalecida por um grupo hegemônico de ouvintes que se mantém no poder, isso contribui para os entraves e consolidação das referidas transformações.

Após refletirmos acerca do bilinguismo, mais especificamente sobre os desafios do ensino da língua portuguesa na modalidade escrita para surdos, concordamos com Rodrigues (2015, p.133) quando afirma que:

Uma educação bilíngue pressupõe uma profunda mudança em organizações, conceitos, diretrizes, metodologias, posturas e concepções educacionais, uma educação bilíngue pressupõe uma profunda mudança em organizações, conceitos, diretrizes, metodologias, posturas e concepções educacionais. Assim, para que a educação de surdos tenha sucesso, é importante que haja todo um projeto educacional fundamentado na diferença linguística e cultural desses alunos.

Sendo assim, o aluno surdo terá a possibilidade de desenvolver seu cognitivo e seus sentimentos, construindo um conhecimento mais amplo, o qual irá contribuir para sua socialização com mais propriedade e consciência de sua personalidade.

É certo que, em famílias que possuem duas línguas e a criança já nasce em um ambiente bilíngue isso faz fluir naturalmente essa aprendizagem, pois para que se estabeleça uma comunicação entre o núcleo familiar é necessário este trânsito entre as duas culturas linguísticas, ou seja, existem muitas situações nas quais os sujeitos surdos podem ter contato com as duas ou mais línguas como é o caso do aluno surdo incluído na sala regular de ensino aprende o português na modalidade escrita que para ele é uma língua estrangeira.

Baseado no conceito de bilinguismo, Grosjean (1994) usa a ideia de que bilíngues são pessoas que utilizam duas ou mais línguas ou dialetos no seu dia a dia, incluindo desde o imigrante que fala com dificuldade a língua do país que o acolheu até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas. Desta forma, o autor afirma que o mais importante é que para além da grande diversidade existente entre essas pessoas, todas elas compartilham algo em comum, pois de uma forma ou de outra estabelecem comunicação e assim são usuárias de duas ou mais línguas.

Ultrapassando essas definições de caracterização e definição do bilinguismo Harmers e Blanc (2000) ressaltam que o bilinguismo é um fenômeno multidimensional, o qual deve ser investigado como tal e essa característica não deve ser ignorada. Por isso, os autores destacam a importância de analisar seis dimensões ao definir o bilinguismo: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; presença ou não de indivíduos falantes da L2 no ambiente em questão; status das duas línguas envolvidas e identidade cultural.

O status atribuído a uma língua em determinada comunidade possibilitará ao indivíduo desenvolver diferentes formas de bilinguismo, o que é perceptível em todas as comunidades, uma vez que a língua dominante terá maior status e conseqüentemente maior necessidade de ser aprendida, a mais forte delas é a modalidade oral extremamente valorizada para o desenvolvimento cognitivo da criança e no caso dos surdos a sua própria língua acaba sendo desvalorizada e colocada em segundo plano no seu processo de escolarização, sendo assim torna-se um bilinguismo camuflado, pois o surdo acaba não dominando nenhuma das línguas com fluência.

### **3. Metodologia**

O ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua para o surdo, tem sido alvo de inúmeras pesquisas a fim de identificar os

limites e possibilidades de aprendizagem deste sujeito. Sendo assim, discutir sobre a problemática da educação de surdos numa proposta bilíngue é essencial na contemporaneidade, uma vez que envolve duas culturas opostas, porém compartilhadas por surdos e ouvintes.

Sabe-se que o surdo precisa estar inserido em um ambiente escolar que valorize suas raízes culturais, para que ele possa se sentir incluído e conseqüentemente, capaz de desenvolver suas habilidades intelectuais e cognitivas de forma contínua. No que se refere a esses níveis de ensino, a educação bilíngue pode ser desenvolvida por meio de "docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa" (BRASIL, 2005, Artigo 22, Inciso II).

Diante do exposto, a metodologia utilizada neste trabalho é de cunho bibliográfico, em caráter qualitativo em tempos remotos. Nesta proposta, o trabalho em sala remota constituiu em três momentos: Interpretar textos visuais; Ampliar as capacidades de argumentar suas ideias oralmente (sinais) e por escrito; Ampliar a capacidade de criar textos; Avançar na produção e interpretação de texto via síncrona no meet.

O primeiro momento sendo coletivo, o professor como mediador junto com as crianças a interpretação da tirinha;

Foi reproduzida em tamanho grande a tirinha, pinçado na tela do meet, para que todos os alunos possam vê-la ao mesmo tempo e pensar juntos no que esta tirinha faz as crianças pensarem.

Foi criada salas temáticas adicionais no meet, iniciando com o agendamento de uma chamada do Meet no Google Agenda, no ícone de engrenagem abre a página Settings for this vídeo meeting. Em seguida, o menu Breakout rooms nos forneceu como organizadores a possibilidade agrupar previamente os participantes em salas dentro da aula original, para aumentar a produtividade e organizado grupos para que as crianças discutam entre si e façam uma interpretação da tirinha, para que os grupos pudessem observar refletir sobre a cena e se são capazes de ouvir e respeitar a opinião do outro.

Para a janela de Libras, utilizamos também o aplicativo OnTopReplica, que permite mover a janela na área necessária da tela de exibição e ocultar as bordas da janela. Permite que sejam alteradas as configurações do tamanho da janela e transparência, uma proposta de acessibilidade importante para o recurso meet.

#### **4. Análise dos dados**

O presente trabalho vem mostrar as reflexões e discussões sobre o bilinguismo, notadamente o ensino do gênero textual tirinha na modalidade escrita como segunda língua para surdos. Pois, através desta modalidade o surdo pode desenvolver o bilinguismo, tendo como primeira língua a libras, e, por conseguinte poderá agregar na sua aprendizagem a aquisição da língua portuguesa escrita a qual contribui para sua apropriação cultural.

Diante desse cenário, torna-se ainda mais importante para a comunidade surda ter contato com a língua portuguesa na modalidade escrita, pois, tem-se a oportunidade de quebrar barreiras para que estes sujeitos possam identificar-se com a sua própria língua, e conseqüentemente tornar-se bilíngue, já que vivem em um país cuja língua majoritária é o português

Fernandes & Moreira, (2014, p. 57-58) ilustra:

A despeito dessa identificação com sua língua de conforto, a língua portuguesa é a língua oficial do país, pela qual se realizam as interações sociais básicas, desde a família, à escola e o trabalho. Isso impõe a necessidade do uso social do português em ambientes formais, que assume o status de segunda língua para os surdos brasileiros, obrigatório no processo de escolarização dos surdos. Essa situação caracteriza formalmente a condição bilíngue dos surdos brasileiros.

A língua de sinais faz parte da cultura da surda e a “condição bilíngue” como citado capacita-os para que eles tenham uma visão de mundo mais clara e ampla. O desenvolvimento do ensino de português escrito como segunda língua, potencializa as capacidades do aluno surdo que estão arrefecidas, sendo possível estimular um o ensino e aprendizagem igualitário e qualitativo, tal como se propõe a legislação brasileira.

Assim, aprender o português escrito, traz ao aluno surdo a possibilidade de desenvolver seu cognitivo, construindo um conhecimento mais abrangente, o qual irá contribuir para sua socialização com mais propriedade e consciência de sua personalidade. Por conseguinte, os surdos rompem a hegemonia gramatical dos ouvintes e traz à tona a sua cultura linguística, bem como suas experiências sociais e educacionais.

Portanto, é através do ensino do português na modalidade escrita como segunda língua, que o surdo poderá abstrair e estabelecer relações de significado entre a escrita da gramática da língua portuguesa e a língua de sinais, pois essa intersecção registra com clareza e nitidez um novo jeito de aprender, oportunizando seu desenvolvimento bilíngue, que ocorrerá com eficácia se tiver como subsidio a sua própria língua, na modalidade visogestual e escrita.

Partindo desse pressuposto citado pela autora, a proposta bilíngue surge para requerer uma reestrutura pedagógica, com matérias de apoio que tenham a Libras como língua predominante em todas as atividades escolares, desenvolvendo no surdo a apropriação, a valorização e o domínio sobre sua própria língua, garantindo uma base

educacional sólida visando uma organização diferenciada desde a educação básica até o nível superior.

Pois, enquanto segunda língua a parte escrita do português será compreendida e trabalhada nos espaços escolares, sendo ensinada também como conteúdo de complementação curricular, uma vez que por ser a língua utilizada e reconhecida também como oficial em nosso território não pode ser menosprezada, mas sua avaliação deve ser coerente a seu papel de segunda língua.

Dessa maneira, a escola intitulada como acessível subentende-se que é uma construção para todos, por isso a sociedade deve ser participante deste processo, uma vez que precisa ter uma visão mais inclusiva, para proporcionar aos sujeitos da educação a condição de permanência e desenvolvimento educacional dentro da mesma.

Para isso, o país ainda precisa de muitas modificações, pois vivenciamos cotidianamente a descaso por parte dos governantes com esse grupo social que precisa de um suporte especializado para que possam ter uma educação bilíngue de qualidade.

Lodi, (2011, p. 90) enfatiza:

Temos que entender que as duas línguas em jogo neste processo diferenciam-se quanto à estrutura e ao modo de funcionamento: apropriar-se da linguagem escrita exige da criança um alto grau de abstração em relação ao mundo e aos objetos, alcançado, unicamente, no decorrer do desenvolvimento da Libras. A escrita é assim entendida como uma linguagem no pensamento, nas ideias, estabelecendo, desse modo, uma relação com a linguagem interior construída no processo de apropriação da primeira língua (ou da linguagem oral no caso de crianças ouvintes).

Sendo assim, a pessoa surda não precisa entrar e permanecer em um ambiente que não tem interação linguística com ele, no qual ele sente-se mais excluído do que incluído. O surdo precisa desenvolver seu potencial argumentativo para decidir de maneira consciente onde quer desenvolver a sua aprendizagem sem que sua presença seja imposta, na escola regular só para o cumprimento de leis sem o objetivo de desenvolver as suas potencialidades.

Para que a luta bilíngue seja compreendida em sua profundidade faz-se necessário o resgate dos conhecimentos inerentes ao processo histórico do surdo, com destaque as suas conquistas sociais enquanto usuário de uma língua diferente da língua dominante de seu país, mostrando como se deu a evolução linguística do surdo nos ambientes educacionais, sociais e familiares, revelando as dificuldades motivadoras para o surgimento da proposta educacional bilíngue.

Para que a proposta educacional bilíngue seja implantada, precisa-se dialogar sobre quais as contribuições reais da mesma a vida educacional do surdo, com destaque para a

importância do desenvolvimento da L1 (LIBRAS) do surdo através do contato desde a educação infantil com professores bilíngues que utilizem a língua de sinais em suas comunicações de modo natural, sendo um modelo para os discentes.

Fernandes & Moreira (2014, p.58)

Isso significa que a Libras deveria ser aprendida preferencialmente de zero a três anos, garantida como primeira língua (L1) e como língua de instrução, além do aprendizado do português como língua oficial do país para garantir o letramento e acesso ao conhecimento formal aos cidadãos surdos brasileiros.

Diante disso, é nítido quais os reais anseios do povo surdo com a escola bilíngue, dando ênfase para que o fator incluir os surdos em salas de aulas regulares acompanhados de intérpretes não satisfaz o campo da aprendizagem significativa dos mesmos, pois esse processo de transmissão, acomodação e retransmissão pode deixar falhas irreparáveis e não desenvolve no ambiente escolar uma comunicação direta entre os surdos e os ouvintes principalmente entre os professores e os surdos.

Segundo Quadros e Schmidt (2006, p. 19)

No caso do aluno surdo, a educação bilíngue vai apresentar diferentes contextos dependendo das ações de cada município e de cada estado brasileiro [...] Independentemente do contexto de cada estado, a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues. Assim, pensar em ensinar uma segunda língua, pressupõe a existência de uma primeira língua. O professor que assumir esta tarefa estará imbuído da necessidade de aprender a língua brasileira de sinais.

Nesse sentido, o bilinguismo almeja promover espaços para a escolarização inicial dos surdos usando a Libras como a língua de interlocução entre professores e alunos, sendo ela a responsável por mediar o processo de ensino e aprendizagem desde a educação infantil. Para Quadros e Schmidt (2006, p.23)

Isso significa que ela estará concebendo um mundo novo usando uma língua que é percebida e significada ao longo do seu processo. Todo esse processo possibilita a significação por meio da escrita que pode ser na própria língua de sinais, bem como, no português.

Diante do exposto, percebemos que enquanto segunda língua a parte escrita do português será compreendida e trabalhada nos espaços escolares, sendo ensinada também como conteúdo de complementação curricular, uma vez que por ser a língua utilizada e reconhecida também como oficial em nosso território não pode ser desconsiderada, mas sua avaliação em relação ao aluno surdo deve ser coerente a seu papel de segunda língua.

Compreendendo que a maioria das crianças surdas são filhas de ouvintes e desta forma não tem contato frequente com sua língua, por isso essa estrutura leva em consideração que durante os anos em que as crianças frequentam a educação infantil, elas

estão em processo de apropriação de sua primeira língua (Libras), assim torna-se indispensável que seu contato na escolar seja com sujeitos/professores bilíngues.

Assim, percebe-se que ao profissional da educação faz-se necessário a percepção acerca do mundo do surdo para que assim, estabeleça uma relação de interação e respeito, passando a compreender o processo de desenvolvimento deles, entendendo que diferenças linguísticas estão presentes na escola e, conseqüentemente buscar alternativas para que os desafios do ensino do português escrito para os estudantes surdos sejam resolvidos a contento, oportunizando esse sujeito a fazer parte de uma educação equilibrada.

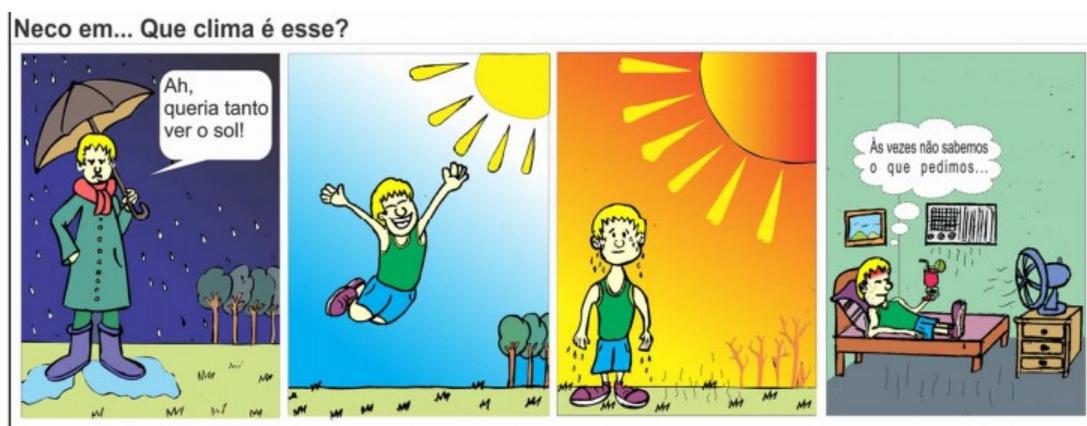
#### 4.1. Sobre a tirinha Neco vivenciadas na modalidade remota

Esta tirinha é para crianças que estejam no 6º ano, na análise é indicada que seja apresentada, primeiro, tirinhas de fácil interpretação visual.

Cunha e Vasconcelos (2017, p. 2) afirmam que as “HQs se destacam por seus elementos narrativos, como a representação da fala e do pensamento; expressividade dos personagens; relações espaço e tempo; além do cenário em que o personagem está situado, dentre outros”.

Sendo assim, a tirinha, que surgiu com as HQs, também se constitui a partir desses elementos. Vejamos como se configuram esses elementos na tirinha a seguir:

Figura 1: Tirinha Neco



Fonte - Caderno pedagógico bilíngue, p. 27. (2020)

Ao fazer a leitura da tirinha é possível observar que as imagens são bem coloridas e a escrita em língua portuguesa está em apenas dois balões, ou seja, esse tipo de texto emprega a linguagem verbal e não verbal, o que consideramos importante para a educação de surdo, tendo em vista que sua aprendizagem ocorre de forma visuo-espacial. De acordo com Correia e Neves (2018, p.8)

As imagens podem ser lidas e interpretadas, portanto qualquer conteúdo pode ser organizado a partir de informações visuais [...] os surdos são essencialmente

visuais, portanto, a imagem é recurso essencial para que possam se apropriar das informações presentes no seu contexto cultural, social, político, linguístico e ideológico.

Nesse sentido, nas tirinhas podemos observar que o espaço é um lugar chuvoso e que o personagem é o Neco, mas para entender o humor é imprescindível ter o conhecimento prévio acerca dos hábitos do personagem, vamos descrever o contexto:

Gênero textual da tirinha para o 6º ano

A tirinha é intitulada Neco que Clima é esse?

Personagem principal NECO

A Mudança principal na história: o humor do Neco.

1 tirinha - Ele está vestido com uma capa de chuva Botas e o guarda-chuva o tempo está bastante chuvoso e ele está aparentemente irritado.

Neco exclama: Ah eu queria tanto ver o sol!

2 tirinha - Num passe de mágica o sol aparece e Neco pula de alegria, E o seu rosto está muito alegre como sorriso enorme e ele pula de alegria, Observamos árvores ao fundo e um sol maravilhoso.

3 tirinha - Neco está suado transpirando, sua aparenta estar roupa toda molhada, mais é o suor dele e ele está pensativo: parece refletir sobre o desejo que ele havia tido a pouco

4 Tirinha E ele retorna para seu quarto, em sua cama com ventilador ligado e o ar condicionado também está ligado, e ele tem nas mãos um copo com um refresco se perguntando: “Às vezes não sabemos o que pedimos...”

Observa-se o humor na tirinha, pois Neco quer uma coisa e depois quer outra ao mesmo tempo e é engraçado ver o rosto dele depois que ele deseja algo e também traz reflexão sobre nossos desejos e como e como queremos que tudo aconteça ao mesmo tempo

Faz-nos refletir sobre um provérbio chinês Sempre que pensamos em mudar queremos tudo o mais rápido possível. Não tenha pressa, pois as pequenas mudanças são as que mais importam.

Os desejos de Neco clamando por um dia de sol e de repente clamando por um dia mais fresco, podemos entender que ele deveria aproveitar o que o tempo oferece, em dia de chuvoso seria mais tranquilo para Neco ficar deitado na cama assistindo um bom filme, em um dia de sol aproveitar para brincar com os amigos.

Observamos que para entender as tirinhas do HQ os balões são importantes na fala observamos que o balão tem linha contínua num balão pontilhado Ele está sussurrando e no balão que parece uma nuvem ele está refletindo se relaciona com o pensamento.

Os balões são importantes para que o leitor possa entender o texto e saber sobre as reações do personagem na fala de Neco observamos seus desejos a intensidade deles e também observamos seus pensamentos refletindo sobre o resultado dos seus desejos.

Perguntamos por que não podemos ter tudo que desejamos no caso do Neco ele estava tendo uma reflexão sobre o desejo dele, ou seja as coisas não aconteceram como ele gostaria. Sobre o tempo, por exemplo, não temos como alterar, o clima independe dos nossos desejos. Vamos estudar sobre o clima? O clima se refere às condições O que prevalece em uma região ou em toda a terra.

Para a apreensão da crítica veiculada na charge, é necessário estar inserido no contexto sociocultural referente ao fato ao qual se faz referência. Rocha (2013, p. 5) afirma que “a charge é um gênero discursivo que lida com o repertório imediato, operando com a seleção e combinação de elementos para criar uma cena. Por ser temporal, depende da visão de mundo do leitor para ser reconhecida, além de tratar necessariamente de assuntos atuais”.

Dessa forma, concluímos que a percepção de implícitos e subentendidos só é possível graças aos conhecimentos enciclopédicos do leitor, que interage com o autor através do texto. Nesse processo de construção dos sentidos, autor e leitor são atores sociais e o texto é um produto sociocultural construído.

## **5. Considerações finais**

Usamos a linguagem para interagir em diversas situações sociais em nosso cotidiano, na escola, com os colegas e professores, em casa, com a família e em outros ambientes e situações, o que pressupõe o emprego de diversos gêneros do discurso (carta, telefonema, e-mail, torpedo, resumo, resenha, charge, tirinha, cartum etc), sejam orais ou escritos. A escolha de um desses gêneros depende da situação comunicativa e, ao eleger esse gênero, elegemos também uma variação linguística, que pode ser formal ou informal.

A tirinha é um gênero do universo das histórias em quadrinho, apresentando os elementos característicos dessa tipologia – narrador, personagens, tempo, espaço, e apesar de ter como objetivo principal o entretenimento, é comum trazer críticas sociais menos severas que as da charge.

Para a completa interpretação da tirinha, o leitor necessita acionar seus conhecimentos linguísticos, para ler a fala do personagem; os conhecimentos textuais, para

entender que se trata de uma tirinha – um gênero discursivo humorístico e, ainda; os conhecimentos de mundo, para associar as características da personagem ao enredo e concluir sobre a lógica do texto.

Ao fazer a leitura da tirinha é possível observar que o espaço é um dia chuvoso e a cena se dá durante o dia, e após o desejo do Neco, o sol forte se destaca, característico da região Norte, que apresentamos o trabalho, mas para entender o humor é imprescindível ter o conhecimento prévio acerca dos hábitos do personagem: o Neco, que não sabe o que deseja, dúvidas sobre o que é melhor pra si, daí o humor da cena. Ao observá-lo clamando por um dia sol, qualquer um que o conhecesse iria ter um estranhamento, pois a cada tempo, podemos aproveitar de formas diferentes, na região norte, temos dois períodos: tempo seco e tempo chuvoso e assim realizamos atividades de acordo com cada período.

Assim como a tirinha, a charge apresenta uma linguagem multimodal, em que os sentidos são construídos na relação entre linguagem verbal e não verbal, considerando os conhecimentos prévios do leitor. Apesar de apresentar alguns aspectos semelhantes aos da tirinha, o discurso que se constrói a partir deste gênero propicia a construção de uma opinião acerca de algum tema, geralmente, polêmico e de grande relevância social. Esses temas se configuram como uma piada que desperta o riso no leitor, por isso o humor é considerado o principal aspecto constitutivo deste gênero, os alunos destacaram que nossas estações do ano são apenas duas e daí criamos outras abordagens, contextualizando os climas e regiões.

Neste trabalho, apresentamos o gênero textual tirinha dentro da abordagem remota. Através da análise dos exemplos desses gêneros apresentados, foi possível perceber que se trata de gêneros que abordam assuntos relevantes, a tirinha geralmente é um texto mais longo e tem aspecto lúdico, aborda assuntos cotidianos sem deixar de fazer sempre uma crítica, a charge costuma fazer uma crítica mais severa e, geralmente, está vinculada a outros textos que circulam na mídia sobre assuntos atuais e polêmicos. Apesar das diferenças, são gêneros discursivos excelentes para o debate e a reflexão. Em tempos pandêmicos foram realizadas diversas adaptações para atender a demanda e dentro da análise realizada obtivemos êxito na apresentação do gênero para os alunos. Inclusive para a janela de Libras utilizamos a OnTopReplica para atender as demandas.

## Referências

ALMEIDA, W. G., (org). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente.** Ilhéus: Editus ,2015.Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457.pdf>

ALVES, F, C, et al. Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos. In: ALMEIDA, W. G., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus: Editus, 2015. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457-03.pdf>

BRASIL, **Decreto Nº 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

BRASIL, **Decreto Nº 10.502, DE 30 de Setembro de 2020**. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>

MADEIRA, Fabiana Ferreira Braga **Caderno pedagógico bilíngue : língua portuguesa como L2 para surdos [livro eletrônico]**: o letramento visual e os gêneros textuais / Fabiana Ferreira Braga Madeira ; orientação Rosana Prado e Osilene Cruz. -- Rio de Janeiro : Ed. da Autora, 2020.

GIL, A, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Disponível em:<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>

LODI, B, C, A. **Ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos: impacto na Educação Básica**. Coleção UAB/UFSCar/Pedagogia/Língua Brasileira de Sinais uma introdução, cap 5. Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em:

<https://ceiq4.webnode.com/files/200001670-19cee1ac87/2.pdf#page=82>>

PERLIN, G. STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/03.pdf>>

QUADROS, R, M e SCHMIDT, P, M. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120 p. Disponível em:

<https://alex.pro.br/libras5.pdf> Acesso: Acesso: 8 de outubro de 2020.

QUADROS, R, M. **Políticas Linguísticas e Educação de Surdos em Santa Catarina: espaço de negociações**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 141-161, maio/ago. 2006.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a03v2669.pdf>>

RODRIGUES, CH. A sala de aula de surdos como espaço inclusivo: pensando o outro da educação atual. In: ALMEIDA, W.G., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus: Editus, 2015. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457-07.pdf>.

SILVA, C. M. M. Recursos Tecnológicos para o ensino de Língua Portuguesa para Surdos. Instituto Federal da Paraíba - IFPB, 2020. Disponível em:

<https://ava.ead.ifpb.edu.br/course/view.php?id=433>

SILVA, M, C.; SILVA, H, N, D. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. V. 20, n. 1, Janeiro/Abril

de 2016: 33:43. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00033.pdf>

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

THOMPSON, J. B. **A interação mediada na era digital**. V.12 - Nº 3 set./dez. 2018 São Paulo - Brasil p. 17-44. MATRIZES. Disponível em:  
DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>

RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro; SUSMICKAT, Tiago Pereira Aguiar. O gênero do discurso tirinha: uma proposta de sequência didática para o ensino fundamental II.

**Ensino em revista**, Uberlândia, MG, v.24, n.1, p. 81-100, jan./jun. 2017. DOI:

<http://doi.org/10.14393/ER-v24n1a2017-4>. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-05.pdf>.

ROCHA, Paraguassu de Fátima. Charge e cartum: diálogos entre o humor e a crítica.

**Revista Uniandrade, Curitiba**, v. 12, n.1, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.18024/1519-5694/revuniandrade.v12n1p4-16>. Disponível em:

<https://www.uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/revistauniandrade/article/view/44>.